

TRABALHO DE RECUPERAÇÃO 1º TRIMESTRE 2020

ALUNO (A): _____ TURMA: _____

VALOR: 12,0 Nota: _____

Leia os textos a seguir

Texto I

“Temos a arte para não morrer da verdade.” (Friedrich Nietzsche)

Texto II

Indagado sobre sua atividade como crítico de arte, o poeta Ferreira Gullar disse que, antes de pensar em ser poeta, queria ser pintor. “Depois a poesia tomou conta, essas coisas a gente não governa. Mas continuo pintando e pensando sobre artes plásticas até hoje. Sobre poesia eu não penso, eu simplesmente faço: a minha poesia nasce do espanto. Qualquer coisa pode espantar um poeta, até um galo cantando no quintal. Arte é uma coisa imprevisível, é descoberta, é uma invenção da vida. E quem diz que fazer poesia é um sofrimento está mentindo: é bom, mesmo quando se escreve sobre uma coisa sofrida. A poesia transfigura as coisas, mesmo quando você está no abismo. A arte existe porque a vida não basta”.

Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>.

Acesso em: 03.05.2020. (Adaptado)

Texto III

Tradução: "A partir deste momento, acaba o desespero e começa a tática". Banksy. 2019.

Texto IV

De acordo com o escritor russo Viktor Chklovski, o estranhamento seria o efeito criado pela obra de arte para nos distanciar (ou estranhar) em relação ao modo comum como apreendemos o mundo e a própria arte, o que nos permitiria entrar numa dimensão nova, só visível pelo olhar estético ou artístico. Chklovski achava que a busca pelo insólito, pelo não familiar durante o processo de criação seria capaz de libertar o espectador da letargia mental, realizando, assim, a tão almejada comunicação estética. Segundo ele, a função inicial da arte seria a de causar esse tipo estranhamento perceptivo no fruidor. Pensado por esse ângulo, o estranhamento artístico seria, por definição, exatamente o oposto de alienação.

VAZ, Valteir. **Em Defesa do Insólito: Victor Chklóvski e Guimarães Rosa**.
Revista do Programa de Literatura e Cultura Russa. São Paulo: USP, 2014.

Texto V



No auge do pós-impressionismo e influenciado pelas cores de artistas japoneses como *Hokusai* e *Utawaga Hiroshige*, Van Gogh trabalhou as diferentes tonalidades de cores em cada centímetro da tela com maestria, com um sentimento cambaleante que só ele sabia expressar. O sujeito abordado no quadro tem uma explicação para o fascínio de Van Gogh, ele acreditava que o florescer das flores na primavera significava “despertar” e “esperança” de tempos melhores.

Talvez isso torne Van Gogh tão amado por todos, assim como ele somos todos cercados de esperanças mesmo em tempos tão obscuros. No entanto, eu vejo *Amendoeira em flor* como uma representação do próprio Van Gogh refletido em nós. Por vezes, podamos o que deveria ser um ramo florado e, assim, nunca permitimos seu nascimento, para tempos melhores. Somos tão calculistas ao ponto de não percebermos as flores que nascem das

nossas emoções, das nossas sensações, das nossas almas. Ou até mesmo esperamos que elas sigam por outras estações... ah, grande bobagem! Van Gogh foi tão especial nesse sentido que escolheu a amendoeira: uma das primeiras plantas a florescer no início da primavera. É nisso que eu considero Van Gogh tão fascinante, a sua coragem de não se submeter ao desespero e tristezas da vida, mas encontrar nas pequenas coisas motivação para retratar o belo como nenhum outro artista o fez.

Disponível em: <https://medium.com/@CIidentidade/van-gogh-transformando-sofrimento-em-arte-53a1c60347b9>.

Acesso em: 03.05.2020. (Adaptado)

Texto VI

Uma vez escrita, a literatura é reapropriada de forma dialética com a intenção original do autor. Existiu William Shakespeare, existe o Eu que lê e existe um terceiro, algo não previsto por ambos, um Nós, aquilo que resulta da interação aleatória do curioso triângulo formado pelo ato da leitura. Minha interpretação precisa dialogar com o que está no texto, e Hamlet precisa ouvir a mim também para sair do papel-palco. Assim, entre o gênio que escreve e o homem comum que percorre a peça (eu) surge o novo, o meu Hamlet a partir do gesto dialógico que não me pertence porque não sou autor e que não pertence ao inglês porque Shakespeare não me viu. Somos sempre três e faz parte do mistério do pensamento a interação dos polos em questão. Como previa Edmund Wilson, crítico norte-americano, nunca dois leitores leram o mesmo livro. O seu Hamlet nunca será o meu, e isso é absolutamente maravilhoso.

A leitura bem-feita de uma obra densa é um exercício psicanalítico. Ler é uma viagem ao redor de si mesmo, tangenciando e questionando convicções, com perspectiva e afastamento. Se eu fosse um moralista clássico teria dito que aprendi humildade diante da consciência de Hamlet. Observo o observador, como Hamlet me ensinou. Tento não me diluir no momento e criar um mínimo de afastamento para não virar um Cláudio ou um Polônio. Por incrível que pareça, por vezes tenho de ser ainda mais consciente para não virar um Hamlet mesmo, que é a parte mais complicada para aprender com o melancólico nobre: evitá-lo. Hamlet ensina sendo e ensina evitando ser.

In: KARNAL, Leandro. **O que aprendi com Hamlet:** porque o mundo é um teatro. Leya: São Paulo, 2018.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A importância da arte para a formação do indivíduo e da sociedade**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Apresente proposta de intervenção que respeite os Direitos Humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.